

SANGUE
LATINO

5º ENCONTRO DE CINEASTAS LATINO-AMERICANOS

DECLARAÇÃO FINAL

Pouco mais de trinta meses depois do nosso 4º Encontro, realizado em Caracas em setembro de 1974, uma representação dos cineastas latino-americanos comprometidos com a luta pela existência, divulgação e desenvolvimento de um cinema que seja parte inseparável da luta anti-imperialista e pela libertação nacional dos nossos povos nos reunimos novamente na Venezuela, desta vez na cidade de Mérida, convocados pelo Comitê de Cineastas Latino-americanos, contando com a decisiva cooperação e apoio do Departamento de Cinema, da Coordenação de Cultura e da Reitoria da Universidade dos Andes, que, com sua coordenação e suporte, já havia tornado possível nosso 2º Encontro em 1968.

Depois de ouvirmos os informes que as delegações participantes do Encontro apresentaram sobre a situação cinematográfica de seus países, de debater o assunto e trocar experiências em torno tanto dos aspectos globais quanto dos aspectos locais da realidade cinematográfica do continente, e de termos acompanhado ao longo destes dias a mostra de um conjunto de filmes latino-americanos produzidos recentemente e representativos dos nossos interesses e objetivos comuns, preparamos esta Declaração Final:

Há dez anos, nós – uma união de cineastas latino-americanos – fizemos o nosso 1º Encontro numa parte do território da nossa grande pátria dividida, em Viña del Mar, Chile. A visão dos filmes ali exibidos, provenientes de vários dos nossos países, somada às apresentações e discussões de ideias e experiências com relação ao nosso trabalho, nos permitiu aprofundar coletivamente, pela primeira vez, a organização e coerência dos pontos comuns e dos objetivos a alcançar.

Chegávamos então a uma etapa em que predominava o desconhecimento quase total entre nossos esforços para criar um cinema autenticamente nacional em cada um dos

países ali representados por seus cineastas e seus filmes. Estas obras foram sendo realizadas nos anos anteriores através de diversas, solitárias, complexas, difíceis e às vezes heroicas experiências, em consequência dos antecedentes e das características históricas, políticas, culturais e cinematográficas de nossas nações.

Assim foi sendo gestado o surgimento de uma cinematografia com identidade continental verdadeira, porque a estreita e sensível relação existente entre seus cineastas e a realidade latino-americana criava as condições para obras que expressassem as características comuns da nossa história e cultura, as semelhanças das situações econômicas e sociopolíticas que viveram e vivem nossos povos, e suas lutas contra o inimigo comum.

Desde aquele momento nos definimos – independente de estilos, formas de expressão ou tendências estéticas – como politicamente comprometidos no combate por uma verdadeira liberação nacional contra o imperialismo norte-americano e seus agentes antinacionais.

Ali, em Viña del Mar, em 1967, foi constatada a existência de um novo cinema latino-americano, e nos dispusemos a lutar por seu crescimento quantitativo e qualitativo e pelo incremento da sua difusão sobre a base de objetivos ideológicos e culturais que é conveniente recordar:

O novo cinema latino-americano autêntico foi, é e será somente aquele que contribua com o desenvolvimento e o fortalecimento das nossas culturas nacionais como instrumento de resistência e luta; o que trabalha com a perspectiva, por cima das particularidades de cada um dos nossos povos, de integrar este conjunto de nações que algum dia tornarão realidade a grande pátria do Rio Grande à Patagônia; o que participa como linha de defesa e resposta combativa frente à penetração cultural imperialista e frente às expressões substitutas feitas por seus colaboradores antinacionais no plano ideológico-cultural; o que leva adiante a visão continental dos nossos problemas e interesses comuns em qualquer

atividade ou frente possível, como fonte de fortalecimento e como modo de contribuir com mais eficácia aos objetivos com que nos identificamos; e o que aborda os problemas sociais humanos do homem latino-americano, situando-os no contexto da realidade econômica e política que o condiciona, promovendo a conscientização para a luta pela transformação da nossa história.

No transcorrer desses dez anos, o novo cinema latino-americano prosseguiu com sua existência, difusão e desenvolvimento. A ele se incorporaram jovens cineastas e outros se identificaram ou se aproximaram de nossas posições. O nível de compromisso político consequente e o grau de eficácia alcançado nos garantiram a solidariedade e o apoio dos cineastas progressistas e revolucionários no mundo, e o respeito e a admiração de outros povos em qualquer lugar que consigamos fazer chegar nosso trabalho. Mas, mais do que tudo, isto nos vinculou indissolivelmente aos nossos povos, aos quais temos acompanhado em todas as formas de luta destes anos, convertendo nosso cinema em um verdadeiro instrumento de combate.

Também ganhamos o direito de ser bloqueados, de que se pratiquem contra nós diversas formas de repressão, das mais refinadas às mais brutais e sanguinárias.

Nossa unidade com as lutas e destinos vividos por nossos povos e suas vanguardas é razão de orgulho para os que de uma forma ou outra trabalham pela existência e continuidade deste cinema. Estivemos presentes nos reveses e nas vitórias, nos refluxos e nos avanços, e diante de cada uma das situações, exitosas ou adversas, predominaram nos cineastas latino-americanos o espírito de sacrifício, a maturidade política, a disposição de continuar a longa batalha pela verdadeira independência.

Se fracassaram as tentativas de nos destruir, também fracassarão as de nos diluir em reflexões ou práticas cinematográficas que cultivem o círculo vicioso da inércia, que conduzam à paralisia e à contemplação passiva frente ao refluxo que inevitavelmente se deu em alguns pontos do continente. Nós, cineastas latino-americanos, analisamos

nossa experiência com rigor e com coragem, e nesta frente de trabalho não haverá margem para o ceticismo elaborado, perigoso caminho que leva à rendição.

Não ignoramos o meio e as condições em que desenvolvemos nossas atividades. A compreensão política correta da situação internacional e continental e das particularidades de cada um dos nossos países e suas conjunturas nos permitiu e seguirá nos permitindo ajustar ou reajustar nosso trabalho à realidade, mantendo uma coerência intransigente com nossos princípios.

Nosso cinema é clandestino ou semiclandestino quando as circunstâncias ou a repressão assim o exigem; nosso cinema é alternativo às salas controladas pelas multinacionais e seus agentes internos quando seu conteúdo político ou as condições existentes em determinado país assim o demandam; e nosso cinema é também o que luta e conquista espaços no marco das relações industriais de produção, distribuição e exibição, utilizando os marcos de legalidade que apresentam a diversidade de contradições nas nossas sociedades. Porque nosso objetivo é nos comunicarmos com os diversos setores que integram o povo dentro do público cinematográfico de nossos países, onde quer que eles se encontrem e nós possamos chegar. Não fazemos culto a nenhuma forma de automarginalização investida de pureza, mas tampouco nos deixamos seduzir por mecanismos de amplitude; trabalhamos e lutamos dentro desses sistemas a partir das posições que sempre sustentamos, e por isso sabemos definir as fronteiras. Isto, não o ignoramos, exige de nós um constante crescimento no nível político, ideológico e organizativo. É um desafio que nos impõe a realidade e nós o aceitamos.

Não têm sido, não são e não serão fáceis nos próximos anos a continuidade e o desenvolvimento de nosso trabalho em alguns países do continente. Mas hoje já não somos apenas uma longa lista de filmes documentários, de ficção, cinejornais e desenhos animados, de imagens que testemunham, interpretam e acompanham a luta dos povos latino-americanos, de obras cinematográficas e de milhões de metros de celuloide em que está impressa nossa história contemporânea como arma mobilizadora e forjadora de consciência. Também somos um movimento

de cineastas unidos e comprometidos com esta luta, e em nosso grupo se conheceu a perseguição, o exílio, o cárcere, a tortura e a morte. Somos uma marca indelével na história de alguns dos nossos povos, onde transitariamente se tornou impossível continuar trabalhando: o desenvolvimento de uma consciência sólida antifascista, anti-imperialista e latino-americanista tornou possível que, de outros pontos do continente, muitos companheiros continuem a resistência através da atividade cinematográfica.

Muitas vezes mencionamos nas nossas intervenções e nos nossos documentos, e isto também observamos, que somos uma grande pátria dividida. Esta imagem define para nós um conteúdo muito concreto, e as próprias características do cinema como manifestação artística e meio cultural de comunicação social contribuíram para que nós cineastas latino-americanos sejamos, dentro do movimento cultural de nosso continente, particularmente defensores desse projeto bolivariano e martiano que nunca se cumpriu.

Profundamente identificados com as exigências que esse projeto exige e convencidos do valor que tem a nossa dedicação na área da cultura e reafirmação de nossas identidades nacionais, nos reunimos aqui para redobrar nossos esforços e seguir trabalhando.

Saudamos o surgimento das obras que moldaram a existência de um novo cinema mexicano, que já faz parte do novo cinema latino-americano.

Solidarizamos-nos, militantemente, com os cineastas e povos deste continente que sofrem a repressão fascista ou *gorila*.

Apoiamos o desenvolvimento das jovens cinematografias do Panamá e Porto Rico e as lutas de seus povos frente à agressão direta de que são objeto pelo imperialismo ianque. ■

Mérida, 27 de abril de 1977

(Leia outros textos do gênero em www.filmecultura.org.br)